
Daxiyangguo

Portuguese Journal of Asian Studies | Revista Portuguesa de Estudos Asiáticos

ISSN: 1645-4677 | ISSN-e: 2184-9129 | 2023, 2.º semestre, Número 31, páginas 31-53

DOI: 10.33167/1645-4677.DAXIYANGGUO2023.31/pp.31-53

O Hezbollah e as suas Relações (Internacionais) no Médio Oriente

Hezbollah and its (International) Relations in the Middle East

Nuno Almeida*

*Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Portugal; Email: npaixaovet@gmail.com

RESUMO

As relações do Hezbollah com os governos árabes antes das revoltas foram caracterizadas pela discordância e hostilidade, motivadas pelo alinhamento dos regimes com os poderes ocidentais e preocupação destes quanto à influência regional do Irão. O Hezbollah inicialmente apoiou as revoltas árabes em 2011, mas mudou a sua postura quando as revoltas chegaram à Síria, optando por apoiar o regime autoritário de Bashar al-Assad, favorecendo a estratégia em vez da sua ideologia. O Hezbollah instrumentalizou os seus princípios doutrinários para justificar as suas ações, visando expandir a sua influência e apoiar o Irão na busca pelo poder regional. Embora utilize a violência como meio para atingir os seus objetivos, não tem a morte de civis como objetivo, pelo que o rótulo de «organização terrorista» deve ser aplicado de forma con-

sistente, inclusive a atores estatais. Igualmente é necessária uma reforma do sistema internacional para evitar ataques a civis.

Palavras-chave: Hezbollah; Primavera-árabe; relações internacionais

ABSTRACT

The relationship between Hezbollah and Arab governments before the uprisings was characterized by dissonance and hostility, driven by the regimes' alignment with Western powers and their concerns over Iran's regional influence. Hezbollah initially supported the Arab uprisings in 2011, but its stance changed when the revolts reached Syria, opting to side with the authoritarian regime of Bashar al-Assad, favoring strategy over its ideology. Hezbollah instrumentalized its doctrinal principles to justify its actions, aiming to expand its influence and support Iran in its quest for regional power. Although it uses violence as a means to achieve its goals, the death of civilians is not one of those goals, so the label of "terrorist organization" should be used consistently, including towards state actors. It equally is necessary an international system reform to avoid attacks towards civilians.

Keywords: Hezbollah; Arab-spring; international relations

1. Introdução

Desde 2011, o Médio Oriente árabe tem sido palco de uma série de revoluções e revoltas que marcaram o início de uma era de mudanças numa região caracterizada por ditaduras arraigadas e populações reprimidas (Robertson, 2017).

À medida que a antiga ordem parecia desmoronar-se perante as enormes mobilizações populares, os atores políticos estabelecidos em toda a região foram confrontados com desafios e dilemas sem precedentes (Shalabi, 2015, p. 2).

Destacando-se entre esses atores está o movimento xiita libanês, o Hezbollah. Nas décadas anteriores às revoltas, o Hezbollah vivenciou uma evolução extraordinária, passando de uma força de guerrilha relativamente marginal, que realizava ataques esporádicos contra o seu arqui-inimigo, Israel, em resposta à agressão militar deste último no Líbano, desde o final dos anos 70 até o início dos anos 80, para uma organização madura, um movimento social e um partido político.

Até ao momento, o Hezbollah foi o único ator árabe a infligir derrotas militares a Israel em 2000 e 2006. Além disso, o Hezbollah tornou-se uma parte integrante da estrutura política libanesa por meio de um processo de integração iniciado nos anos 90 (Cambanis, 2015).

Ademais, desde a invasão dos EUA em 2003 e a subsequente ocupação e destruição do Iraque, a política do Médio Oriente tem sido marcada por uma nova

guerra fria por influência regional entre dois eixos concorrentes liderados pela Arábia Saudita, por um lado, e pelo Irão, por outro (Shalabi, 2015, p. 2).

Ao analisar os documentos emitidos pelo Hezbollah e as suas ações no terreno, é evidente que este tem preocupações locais, regionais e até mesmo globais, com pensamento estratégico e relações internacionais com interesses concretos.

Neste artigo, serão analisados dois documentos de extrema importância emitidos e divulgados pelo próprio Hezbollah: “A Carta Aberta” de 16 de fevereiro de 1985 e “O Novo Manifesto” de novembro de 2009. Muito mudou desde então, mas muito também se manteve e, principalmente, se adaptou ao cenário geopolítico do Médio Oriente.

2. Hezbollah

O Hezbollah surgiu no contexto do aumento das frustrações dos xiitas em relação à sua limitada representação política, sentimentos que se intensificaram após a invasão israelita em 1982 do sul do Líbano, região predominantemente xiita (Dionigi, 2011).

Separando-se do seu precursor, o Amal, o Hezbollah começou como uma organização clandestina com um objetivo duplo: canalizar as frustrações xiitas para objetivos políticos e militantes, e servir como uma organização de libertação contra a ocupação israelita (The Berkley Centre for Religion, Peace, & World Affairs, 2013, p. 7).

A maioria dos líderes do partido pertence à escola xiita de Najaf, e o Secretário-Geral do partido é Hassan Nasrallah, que ocupa o cargo desde 1992. A estratégia e a presença do partido foram construídas na resistência militar à ocupação israelita, especialmente após a invasão de Beirute em 1982. O trabalho político e militar do partido foi recompensado com a retirada forçada do exército israelita do sul do Líbano em maio de 2000 e o ataque na guerra de julho de 2006, que lhe rendeu aplausos nas ruas libanesas e aumentou sua popularidade no mundo árabe (Altahat, 2016, p. 1).

A imagem do Hezbollah nas ruas árabes mudou drasticamente em geral, e no Líbano em particular, sendo agora visto como um símbolo de resistência. Devido ao seu envolvimento no conflito na Síria, o seu apoio declarado ao regime sírio e o seu envolvimento no Iémen e no Iraque, o partido tem sido descrito como uma organização terrorista e recebeu várias críticas oficiais e públicas de ambos os mundos (árabe e muçulmano), especialmente dos muçulmanos sunitas (Gause III, 2014).

Após os acordos de Ta'if de 1989, que puseram fim à guerra civil no Líbano ao reajustar o equilíbrio do poder político entre as seitas, o Hezbollah entrou

no sistema político como partido de oposição nas eleições parlamentares de 1992. A sua identidade abertamente xiita e a sua retórica religiosa foram suavizadas ao retratá-lo como um partido político libanês mais pragmático (Knio, 2005, pp. 227-228).

A plataforma eleitoral de 1996 retrata uma organização que, nesse momento, evoluiu para o sistema existente, sendo mais equilibrada, mais política e menos ideológica do que a sua forma original. A resistência e a libertação ainda são retratadas como a sua razão de ser, mas políticas específicas em áreas como economia e educação parecem ser a principal preocupação do documento. Embora a abolição do sistema de representação proporcional continue a ser um objetivo, o pragmatismo prevalece e a formação de um Estado islâmico não é explicitamente mencionada (Robertson, 2017).

As políticas sociais do Hezbollah foram combinadas com os sucessos militares durante esse período, como a sua campanha de guerrilha contra o Exército do Sul do Líbano com apoio israelita, que levou à retirada de Israel em maio de 2000.

Como resultado, o Hezbollah desfrutou de amplo apoio tanto no Líbano quanto na região, sendo cada vez mais visto como um símbolo de resistência pan-árabe (Norton, 2007, p. 116).

O Hezbollah tem mantido a sua identidade islâmica de várias formas, apesar da sua evolução e entrada na política dominante. O conceito de *wilayat al-faqih*, ou a guarda da jurisprudência, continua a ser fundamental para os fundamentos intelectuais do partido. Eles consistentemente utilizam retórica islâmica, mantêm uma estrutura de governo religioso e a formação religiosa é essencial para todos os membros (Saad-Ghorayeb, 2002, p. 64).

Ter uma ideologia fundadora que integra religião e política ao máximo torna difícil distinguir qual motivação subjacente está em jogo, mas é possível observar uma mistura de observância religiosa genuína e racionalidade política em muitos casos.

Em 16 de fevereiro de 1985, o Hezbollah publicou a Carta Aberta “A todos os Oprimidos do Líbano e do mundo”, anunciando publicamente a sua existência, crenças e objetivos centrais (Childs, 2010, p. 23). A carta utiliza uma linguagem apaixonada e emotiva, retratando o Hezbollah como uma organização de libertação anti-israelita que rejeita fundamentalmente o sistema político libanês. Além disso, a carta apresenta-o como uma organização xiita cujos fundamentos religiosos estão enraizados no compromisso com o *Ayatollah* Khomeini e a sua ideologia islâmica.

TABELA 1

Linhas orientadoras e a perspectiva global do Hezbollah

LINHAS ORIENTADORAS E A PERSPETIVA GLOBAL DO HEZBOLLAH
Opressores e oprimidos
Antiamericanismo e anti capitalismo
Antagonismo e defesa contra Israel
Pan-islamismo e pan-arabismo
Democracia e abolição do sectarismo político

Adaptado pelo autor, de Childs, 2010; Berti, 2010 e Hezbollah, 2009.

O Novo Manifesto, publicado em novembro de 2009, embora ainda emotivo, utiliza uma linguagem muito mais sofisticada do que os documentos anteriores. Demonstra a evolução do Hezbollah como partido político, com uma maior compreensão da política internacional e a ambição de ser reconhecido como um movimento internacional (Berti, 2010, pp. 92, 94).

No entanto, esse Novo Manifesto não foi uma tentativa de retratar a Carta Aberta ou qualquer uma das suas plataformas eleitorais anteriores. O seu objetivo era “definir a visão política do partido” (Hezbollah, 2009). Não tinha a intenção de lidar com “aspectos de crença, ideologia ou cultura intelectual”, e nenhum dos documentos ideológicos anteriores do Hezbollah foi revogado ou alterado desde então (Shapira, 2009, p. 5).

Portanto, o Novo Manifesto não implica que os objetivos originais tenham sido abandonados, mas sim que o foco público mudou da religião para o pragmatismo e a política durante esse período.

Ao examinar os principais objetivos do Hezbollah nesse contexto de avanços significativos, podemos identificar suas tendências islâmicas, juntamente com elementos de suas identidades políticas pragmáticas, nacionalistas e xiitas.

A estrutura organizacional do Hezbollah é inerentemente islâmica, com um papel central das autoridades religiosas nas práticas políticas da organização (Harris, 2013). O Hezbollah é governado por uma *Shura*, ou conselho consultivo, que representa uma forma islâmica de governo e busca liderança religiosa e política no Irão (Zalman, s.d.).

O Hezbollah prestou juramento de lealdade a Khomeini, de forma abertamente religiosa, em 1985, declarando: “Nós obedecemos às ordens de um lí-

der, sábio e justo, o nosso tutor e *faqih* que preenche todas as condições necessárias: Ruhollah Musawi Khomeini, que Deus o salve!” (Hezbollah, 1985, p. 1). Quando Khomeini foi substituído por Sayyed Ali Hosseini Khamenei em 1989, o Hezbollah reafirmou o seu compromisso com ele. Em algumas ocasiões, a autorização ou bênção do *Ayatollah* foi procurada para justificar acções tomadas para promover os seus objetivos políticos e religiosos, como a sua decisão de participar nas eleições gerais de 1992 e o uso de bombistas suicidas e mártirio (Saad-Ghorayeb, 2002, p. 67).

No livro “Hizbullah: The story from within” (Hizbullah: A história a partir de dentro), escrito por Naim Qassem, atual vice-secretário-geral e principal ideólogo do Hezbollah, ele descreve os “três pilares” do Hezbollah como sendo a crença no Islão, *jihad* em nome de Deus e *wilayat al-faqih* (guarda da jurisprudência).

Que o Hezbollah é proveniente da comunidade xiita e acredita no Islão xiita não é segredo, mas no capítulo sobre o Islão, Qassem não avança uma interpretação especificamente xiita da religião além de algumas referências a ela, presumivelmente para retratar o Hezbollah como acolhedor a todas as seitas da religião. Isso comunica a mensagem de que o Hezbollah deseja retratar-se como representante não apenas dos xiitas, mas também das outras seitas, tornando a crença no Islão um quadro motivacional que justifica a adesão ou o apoio ao movimento.

Embora o Hezbollah tenha retirado a sua defesa do estabelecimento de um Estado islâmico no Líbano no seu Manifesto de 2009, em comparação com a Carta Aberta, o movimento ainda se compromete com esse objetivo ideologicamente, embora não politicamente (Qassem, 2010, p. 57).

Qassem elabora as razões pelas quais esse projeto político não é viável no atual estado das coisas. Assim como na Carta Aberta, ele escreve que um sistema de governo islâmico só pode ser estabelecido por meio de “escolha direta e livre das pessoas, e não por imposição forçada” (Qassem, 2010, p. 82). Segundo ele, um Estado islâmico representa “a justiça suprema que o homem almeja” e “a máxima representação da felicidade humana” (Qassem, 2010, p. 81).

Portanto, a islamização deve ser seguida apenas quando as condições corretas permitirem, ou seja, quando as pessoas estiverem abertas à ideia. O Hezbollah afirma que, devido às especificidades sectárias e confessionais do Líbano, não há apoio suficiente para um Estado islâmico, e o Hezbollah não deseja impô-lo pela força. No entanto, ao relacionar isso com os processos de enquadramento do Hezbollah, pode-se concluir que, como o movimento frequentemente critica o sistema político sectário do Líbano por ser antidemocrático, o desejo de estabelecer o que percebe como um sistema justo e ver-

dadeiramente democrático serve como um quadro prognóstico, apresentando uma solução para um problema de amplo alcance social.

O segundo pilar, *jihad*, derivado do verbo árabe *jahada*, que significa “lutar” ou “esforçar-se”, é descrito por Qassem na sua definição geral. Não se refere apenas ao combate militar contra o inimigo e ao confronto com a opressão (*jihad* menor), mas também à luta contra “os inimigos internos representados pelas insinuações e tentações da alma para o mal ou apelos satânicos à falsidade e tudo o que leva ao desvio e corrupção” (*jihad* maior) (Qassem, 2010, pp. 86-87, 89).

A *jihad* maior, como o próprio nome sugere, é compreendida como sendo a principal e mais importante das duas (Qassem, 2010, p. 90). Também existe uma distinção dentro da *jihad* menor entre *jihad* ofensiva e defensiva. A *jihad* ofensiva só pode ser praticada pelo Profeta e pelos doze imãs, e uma vez que eles não estão mais presentes, esse tipo de *jihad* é proibido. Resta a *jihad* defensiva, e a decisão de executá-la só pode ser tomada pelo *wali al-faqih* (o juriconsulto), que atualmente é o líder supremo do Irão (Qassem, 2010, pp. 94-95). No xiismo, a *jihad* também está intimamente relacionada ao martírio. A *jihad* tem dois frutos: o martírio e a vitória. “O mártir obtém o martírio enquanto a nação e os combatentes da liberdade obtêm a vitória” (Qassem, 2010, p. 102).

A *jihad* e o martírio funcionam como fortes quadros motivacionais, mobilizando e incentivando a comunidade muçulmana a lutar e a sacrificar-se em nome de Deus. Além da sua centralidade no pensamento religioso da comunidade xiíta, a cultura do martírio gera coragem e um sentimento de destemor naqueles que participam na *jihad* menor, pois os combatentes que acreditam que Deus sanciona a sua causa não temem a morte (Blanford, 2011). Promover uma cultura de martírio não apenas serve como uma ferramenta de mobilização e motivação para o Hezbollah, mas também fortalece as capacidades militares do grupo, pois os seus combatentes estão dispostos a sacrificar as suas próprias vidas pela causa.

O terceiro e último pilar é a doutrina de *wilayat al-faqih*, que se refere ao domínio ou guarda da jurisprudência. O detentor da posição de *wali al-faqih*, que é a personificação dessa doutrina, é supostamente o mais instruído na *Sharia* (lei islâmica) e o mais dedicado à justiça e piedade (Qassem, 2010, pp. 112-113).

A autoridade do *wali al-faqih* é ainda vista como a continuação da autoridade do Profeta e dos doze imãs infalíveis, e o seu nível é naturalmente muito alto (Qassem, 2010, pp. 116-117). O atual *wali al-faqih* é o líder supremo do Irão, *Ayatollah* Ali Khamina'i, e embora Qassem não escreva explicitamente que o Hezbollah segue as suas ordens, Joseph Alagha confirma isso ao afirmar que “desde o início, o Hizbullah, de uma postura religiosa e ideológica, segue

totalmente as ideias e opiniões do Imã Khumayni conforme comunicadas por Khamina” (Alagha, 2006, p. 99).

Fred Halliday também confirma isso numa entrevista de 2006 com Qassem, na qual é parafraseado como dizendo “todas as principais decisões políticas relacionadas ao Hezbollah são mencionadas, quando na verdade não foram realmente tomadas no Irão” (Halliday, 2006).

A doutrina de *wilayat al-faqih* pode ser compreendida como um quadro prognóstico e motivacional. Por um lado, é vista pelo Hezbollah como o sistema político que resolverá os problemas do Líbano e do mundo. Por outro lado, ao enquadrar a doutrina como profundamente enraizada na tradição islâmica — descrevendo-a como a continuação do governo do Profeta e dos imãs infalíveis — ela tem a possibilidade de ressoar com grandes porções da *umma*, apresentando algo concreto pelo qual lutar e motivar a adesão às fileiras do Hezbollah.

Não só o Hezbollah é fundamentado numa ideologia islâmica, como também manteve a sua autopercepção e imagem pública como organização islâmica por meio do contínuo uso de retórica islâmica. Os seus primeiros textos contêm uma explosão islâmica particularmente forte, com a Carta Aberta de 1985 declarando: “Somos os filhos da *umma* — o partido de Deus, a vanguarda pela qual Deus fez vitoriosa no Irão”, e: “declaramos abertamente e em bom som que somos uma *umma* que apenas teme a Deus” (Hezbollah, 1985, pp. 1-2). A sua entrada na política dominante viu a suavização da sua linguagem religiosa, abrindo o programa eleitoral de 1996 com “Na persistência do nosso curso político baseado em valores divinos” (Hezbollah, 1996, p. 1). Em contraste com o seu documento de 1985, em 2009, o Hezbollah refere-se à sua relação com o Islão em termos claramente políticos, afirmando que “consideram o Irão como um Estado central do mundo muçulmano” (Hezbollah, 2009, p. 9).

Embora no Novo Manifesto eles declarem que o documento visa “definir a visão política do partido” (Hezbollah, 2009, p. 1), as declarações públicas de membros principais continuam a realçar a sua identidade islâmica. A organização tornou-se cada vez mais pragmática à medida que aprendeu e evoluiu como ator político, mas mesmo que tenha parado de declarar os seus objetivos em retórica abertamente religiosa, a sua identidade islâmica permanece evidente em todos os aspetos.

Quer o Hezbollah utilize retórica religiosa ou política para descrever a sua afiliação com o Irão, a realidade é que existem evidências de ambas as motivações para a sua contínua cooperação e comprometimento. Na sua estrutura religiosa islâmica, o Irão representa a autoridade, mas o Hezbollah depende do Irão para muito mais do que orientação religiosa, e o lado puramente

pragmático e político da sua relação não deve ser subestimado. O Hezbollah frequentemente recorre à retórica religiosa como meio de promover os seus objetivos políticos, como é comum entre as organizações islamistas, mas independentemente da motivação, a *wilayat al-faqih* continua a ser a pedra angular da sua ideologia religiosa e política.

Os autores ocidentais têm a tentação de definir o Hezbollah apenas como uma “organização terrorista”, mas essa caracterização é demasiado simplista para esse movimento. Se desejamos uma compreensão honesta e analítica, definir o Hezbollah dessa forma não será construtivo.

Podemos afirmar que o Hezbollah é um movimento social xiita libanês que luta por mudanças em larga escala na ordem social e política existente, por meio de uma combinação de atividade oficial dentro do sistema político libanês, bem como atividade militar contra Israel e as suas forças ocupantes (ou outros adversários).

No entanto, definir o Hezbollah apenas como um movimento social não significa que ele seja apenas isso. Ele também é um partido político, milícia, organização de bem-estar social e um participante no governo.

Um elemento central da ideologia islamita consiste na ambição de criar um Estado islâmico fundado na lei *Sharia*. Através da sua transformação, o Hezbollah suavizou a sua posição acerca deste objetivo, levando muitos a crer que abandonou a sua identidade como organização islamita para se tornar num ator puramente político. No entanto, embora já não apresente este objetivo em termos radicalmente islamitas, continua a apresentar características de uma organização moderadamente islamita. Rastrear como a sua retórica e ações mudaram desde 1985 esclarece a forma e o motivo deste objetivo não estar mais na vanguarda da sua agenda pública, e também demonstra como, apesar disto, o Hezbollah continua a ser uma organização islamita, de acordo com este critério.

Embora parecesse ser um objetivo central da organização na altura da sua fundação, a mudança nas circunstâncias no Líbano levou o Hezbollah a suavizar rapidamente a sua posição sobre a formação de um Estado islâmico no país. Os acordos de Ta'if deram aos xiitas o potencial para aumentar a representação e influência política. O Hezbollah reconheceu que a realidade social e política do Líbano não permitiria uma república islâmica, e que seria necessário procurar um meio-termo dentro do sistema existente, que agora era mais adequado para as suas operações (Dionigi, 2011, p. 96). Embora essa decisão tenha causado divisões dentro da organização, com a bênção do *Ayatollah* do Hezbollah, ela anunciou publicamente a sua decisão de participar no processo eleitoral em 4 de julho de 1992 (Childs, 2010, p. 118).

TABELA 2

Linhas estratégicas do Hezbollah

LINHAS ESTRATÉGICAS DO HEZBOLLAH	
Estratégia política	Formação de uma pressão política parlamentar eficaz na arena política libanesa através da participação nas eleições parlamentares. Para conseguir especialmente uma presença ativa do partido nas eleições sindicais profissionais (sindicatos de engenheiros, médicos, associações de estudante, sindicatos e municípios), formou-se um partido (unidade especial) para o trabalho de sindicato.
Estratégia social e psicológica	A abordagem do partido de questões sociais e de desenvolvimento permitiu-lhe encontrar um ambiente leal e apoiante.
Estratégia superior	A aliança estratégica do partido com o Irão e a Síria é uma fonte de armamento, treino e financiamento.
Estratégia económica	Garantia das fontes de financiamento ao partido, sejam internas ou externas.
Estratégia de <i>media</i>	O partido reconheceu a importância dos <i>media</i> como um meio de comunicação em massa para disseminar a ideologia do partido e os seus princípios, e expressar as suas posições políticas, pelo que estabeleceu uma extensa rede de <i>media</i> — escrita, áudio e visual. A estação de rádio Al-Nour foi fundada em 1987, e o canal de televisão Al-Manar foi fundado no início dos anos 90, o qual é caracterizado pela transmissão de notícias de resistência e é uma instituição de <i>media</i> importante.
Estratégia militar	O partido procurou construir uma força militar treinada e qualificada com um propósito na base de ideologia (religiosa), orientada para a resistência da ocupação israelita, com acesso a um arsenal com uma variedade de mísseis, posse de diferentes armas de dissuasão estratégica, e adotando um estilo de guerra de guerrilha.

Fonte: (Althahat, 2016)

Essa decisão marcou um ponto de viragem significativo para o Hezbollah, afastando-se da aquisição de um objetivo religioso central de curto prazo em busca de mais poder político. Durante os anos 90, o Hezbollah mudou a sua imagem de um movimento islâmico extremista para um partido político legítimo no Líbano, com os seus principais líderes trabalhando para apresentá-lo como confiável, responsável e moderado (Azani, 2009, p. 118).

Para se envolver com uma sociedade diversificada e multiconfessional, o Hezbollah precisou de se afastar da sua dura retórica em relação a um Estado islâmico e focar-se na sua agenda política em vez dos seus princípios ideológicos (Harris, 2013). Houve uma expectativa generalizada internacional de

que o Hezbollah estava a abandonar as suas bases islâmicas e, com isso, a sua história de terrorismo. No entanto, embora a sua linguagem fosse moderada, o objetivo de abolir o sectarismo político com o objetivo final de um Estado islâmico ainda estava presente nas entrelinhas dos seus documentos públicos.

Um dos pontos fortes do Hezbollah, à medida que amadureceu e evoluiu, foi a sua capacidade de usar “a ambiguidade da sua natureza híbrida para navegar taticamente em direção aos seus objetivos”, realçando a sua identidade religiosa ocasionalmente e o seu pragmatismo político noutras ocasiões (Badran, 2009).

Estes documentos mais recentes são conscientemente políticos e não ideológicos, pois o Hezbollah compreendeu que poderia obter mais benefícios no contexto libanês ao apelar aos desejos políticos comuns em vez de sentimentos religiosos partilhados apenas por alguns. A organização reconheceu a importância de adaptar a sua abordagem para ganhar apoio e influência dentro do sistema político existente, que é mais pluralista e diversificado. Ao realçar as questões políticas e as necessidades da população em geral, o Hezbollah procura ampliar a sua base de apoio e atrair um espectro mais amplo de simpatizantes, independentemente da sua afiliação religiosa. Essa estratégia permite-lhe manter a sua identidade islâmica subjacente, mas ao mesmo tempo alinhar-se com as preocupações e aspirações mais amplas do povo libanês.

A plataforma eleitoral de 1996 e o Novo Manifesto, sem dúvida, mantêm uma forte identidade islâmica. No entanto, como é comum para organizações islamitas, o Hezbollah escolheu equilibrar a ideologia religiosa com as realidades políticas que enfrenta (Berti, 2010, p. 99).

Inicialmente criado como uma organização de libertação contra a ocupação israelita no sul do Líbano, o Hezbollah posicionou-se como uma organização que resistiria a Israel e ao Ocidente em nome de “todos os oprimidos no Líbano e no resto do mundo” (Hezbollah, 1985, p. 1). Esse aspeto da identidade do Hezbollah tem sido utilizado ao longo dos anos para alcançar objetivos políticos e militares, e a organização trabalhou arduamente para mantê-lo. Mesmo após a retirada de Israel em 2000 e várias resoluções da ONU pedindo o desarmamento de todos os grupos armados no Líbano, o Hezbollah recusou-se a obedecer (United Nations Security Council, 2006). Ao alegar que Israel ainda ocupa as Fazendas de Sheeba e as Colinas de Golã, territórios que a comunidade internacional considera pertencerem à Síria, o Hezbollah continua a manter sua legitimidade aos olhos de muitos.

A linguagem usada na Carta Aberta de 1985 era abertamente religiosa e apaixonada, declarando que “vemos em Israel a vanguarda dos Estados Unidos no nosso mundo islâmico... a nossa luta só terminará quando essa enti-

dade for obliterada” (Hezbollah, *The Open Letter*, 1985, p. 6). Essa declaração coloca o Hezbollah do lado dos oprimidos, juntamente com os palestinos, que representam a população mais oprimida do mundo muçulmano, e retrata Israel e os Estados Unidos como ocupantes e inimigos. O primeiro objetivo declarado no programa eleitoral de 1996 consiste em “resistir à ocupação” e reafirma que “como sempre foi, o Hezbollah continuará a ser, com maior fervor e responsabilidade, o partido da Resistência e Libertação” (Hezbollah, 1996, p. 2).

Embora o Novo Manifesto de 2009 utilize uma linguagem sofisticada e política para descrever esse objetivo, ele ainda é uma das principais características do documento. É dedicado tempo para descrever os crimes dos Estados Unidos contra o mundo islâmico, incluindo “Terrorismo Americano”, “esquemas ocidentais de domínio” e “criar e incitar a sedição e a divisão de todos os tipos” no mundo árabe (Hezbollah, 2009, pp. 2-4).

A narrativa do opressor-oprimido é popular entre as organizações islâmicas, especialmente aquelas de tradição xiita, pois é uma ferramenta política que tem o poder de mobilizar aqueles que são desprivilegiados pelo estado atual das coisas. Como uma organização xiita formada num momento em que os xiitas tinham pouco poder político, apesar de serem a maioria da população libanesa, o Hezbollah foi capaz de usar essa narrativa e a sua imagem como libertador para conquistar apoio e justificar as suas ações. A destruição de Israel e o estabelecimento de um Estado Palestino são causas comuns entre muitas organizações islâmicas.

Os sucessos militares do Hezbollah contra o inimigo comum, que confirmam as suas capacidades de proteger os oprimidos, receberam muitos elogios no Líbano e na região, ampliando a sua base de apoio para além dos xiitas libaneses.

Quando as revoltas da Primavera Árabe começaram em 2011, o Hezbollah apoiou os manifestantes e os povos oprimidos da região contra os regimes infieis. Ao alinhar as revoltas com a sua própria ideologia, o Hezbollah denegriu os regimes como sendo a favor dos Estados Unidos e Israel, e como tendo abandonado a causa árabe comum de libertar os palestinianos (Choucair, 2016). Embora os manifestantes fossem motivados por queixas legais, económicas e sociais, o Hezbollah moldou os eventos na linguagem familiar de oprimido e opressor para fortalecer a sua própria imagem como “apoiantes dos oprimidos e desafiador da injustiça” (Shalabi, 2015, p. 37).

O Hezbollah foi capaz de aproveitar as circunstâncias em mudança na região a seu favor até as revoltas chegarem à Síria. Quando o regime sírio virou as suas armas contra o seu próprio povo, o Hezbollah, o “libertador” e “defen-

sor” da terra e do povo, deveria ter condenado as suas ações (Khatib, Matar, & Alshaer, 2014, p. 189). No entanto, a Síria é um aliado crucial do Hezbollah, o terceiro componente do Eixo de Resistência, e fornece benefícios estratégicos significativos para a organização. A queda do regime de Assad representaria um golpe político severo para o Hezbollah.

Embora o Hezbollah esteja profundamente envolvido na guerra na Síria, ele continua a enquadrar o seu envolvimento como um confronto com o Ocidente e Israel, a quem há muito culpa por qualquer discórdia interna (Alagha, 2011, p. 20; Hezbollah, 2009, p. 4). Durante os anos de 2011 e 2012, antes de anunciar publicamente o seu apoio militar a Assad, o Hezbollah tentou apresentar histórias de vitimização para justificar a sua posição, adicionando a ameaça de sunitas radicais, *takfiris*, ao lado dos seus inimigos tradicionais (Khatib, Matar, & Alshaer, 2014, p. 183).

À medida que as divisões sectárias se espalhavam pela fronteira e o Hezbollah falhava em manter a ilusão de envolvimento mínimo, foi propagada a conspiração de que a guerra era obra do Ocidente e de Israel, a fim de se alinhar com os seus objetivos (Khatib, Matar, & Alshaer, 2014, pp. 184-185).

O Hezbollah depende da sua identidade como libertador dos oprimidos para a sua contínua legitimidade e tem sido capaz de explorar habilmente essa imagem na busca de objetivos políticos. No entanto, apesar de todos os esforços do Hezbollah para expressar o seu apoio a Assad com retórica familiar, a organização encontrou um obstáculo claro na salvaguarda da sua identidade híbrida. Devido a necessidades materiais, teve que realinhar as suas prioridades e desviar o foco do confronto direto com Israel.

No entanto, o Hezbollah continua a rejeitar constantemente as alegações de que se esqueceu do seu objetivo de destruir Israel. O Secretário-Geral do Hezbollah, Hassan Nasrallah, reiterou que: “Estamos ocupados no Líbano, na Síria e provavelmente noutros lugares. Mas a nossa principal prioridade continua a ser estarmos prontos para enfrentar Israel” (Nasrallah warns Israel against any ‘stupid’ moves in Lebanon, Syria, 2015).

O Hezbollah afirmou anteriormente ter mais de 130 foguetes, mísseis e morteiros apontados para Israel, e atualmente possui cerca de 10.000 combatentes posicionados no sul da Síria, supostamente preparando-se para um confronto com Israel nas Colinas de Golã (Stern, 2016). Apesar da veracidade dessas afirmações, a maneira como o Hezbollah apresenta o seu envolvimento na Síria deixa claro que a aversão ao Ocidente e a Israel continua a ser uma parte fundamental da agenda do Hezbollah.

3. Hezbollah e o “Eixo de Resistência”

O “Eixo de Resistência” que se estende desde Teerão até Beirute, ocasionalmente descrito como um “crescente xiita”, é o ponto central da aliança não convencional entre o Irão e a rede de apoio na região. Em primeiro lugar, fornece um “corredor terrestre” que atravessa o Iraque e a Síria até ao Líbano e ao Mediterrâneo. Em segundo lugar, garante a cooperação entre o IRGC (*Islamic Revolutionary Guard Corps* – Exército dos Guardiães da Revolução Islâmica) e o Hezbollah libanês, que é o núcleo mais crucial da “profundidade estratégica” da República Islâmica e o seu principal obstáculo contra as ameaças israelitas, incluindo uma possível ofensiva contra as instalações nucleares. Acima de tudo, foi a manutenção desta ligação estratégica que convenceu o Irão a intervir militarmente na Síria e a apoiar o governo de Assad contra todas as expectativas.

Não é de admirar, portanto, que Israel esteja a fazer tudo o que pode para interromper e degradar esta rede, na Síria e, mais recentemente (Behravesht, 2019), no Iraque.

Neste eixo de resistência, vemos espelhadas as relações entre Hezbollah, Irão, Iraque e Síria. O principal patrocinador externo do Hezbollah é a República Islâmica do Irão. A Revolução Islâmica Iraniana em 1979 e a invasão do Líbano por Israel três anos depois abriram caminho para a colaboração entre o Teerão e os ativistas xiitas libaneses que seguiam os ensinamentos do *Ayatollah* Ruhollah Khomeini.

O *Islamic Revolutionary Guard Corps* foi enviado para o Líbano e ajudou a construir um movimento de resistência anti Israel que se tornou no Hezbollah. O Irão fornece o financiamento e armas ao Hezbollah, assim como orientação estratégica, muitas vezes deixando a implementação tática ao seu aliado libanês.

Uma segunda influência externa no Hezbollah é a Síria, embora as dinâmicas dessa relação tenham mudado significativamente nos últimos 17 anos. Hafez al-Assad, o ex-presidente da Síria, via o Hezbollah como pouco mais do que um meio útil para exercer pressão sobre Israel no sul do Líbano durante as negociações de paz no Médio Oriente nos anos 90. Bashar al-Assad, que sucedeu ao seu pai em julho de 2000, tinha uma relação mais próxima com o Hezbollah, permitindo que o partido ganhasse mais influência no Líbano. A Síria também se tornou, pela primeira vez, uma fonte importante de armamento para o Hezbollah. A intervenção militar do Hezbollah na Síria em 2012, para ajudar o regime de Assad contra a oposição armada, colocou o partido libanês numa parceria estratégica com Damasco, marcando uma mudança significativa em relação ao papel subordinado que desempenhava sob o domínio de Hafez al-Assad.

O Irão e o Hezbollah ajudaram a formar um grupo paramilitar sírio, denominado *Jais al-Sha'abi*, com cerca de 50 mil apoiantes do governo de Bashar al-Assad, contribuindo para a sua permanência no poder (Sadjadpour & Taleblu, 2015, pp. 1-7).

A relação do Irão e do Hezbollah com o Iraque é facilmente reconhecível. O compromisso do Irão com um governo xiita dominante em Bagdad resultou num aumento das atividades do IRGC nesse país. Os aliados mais próximos do Irão continuam a ser o governo central iraquiano e várias milícias xiitas. Até agora, o Irão forneceu ao governo central jatos de combate Su-25 e fechou um acordo de armas no valor de 195 milhões de dólares americanos. As milícias xiitas do Iraque beneficiaram-se das armas iranianas, mas, mais importante, da experiência no campo de batalha do chefe do IRGC-QF do Irão, Qassem Soleimani, que esteve presente em vários grupos no Iraque. A visibilidade de Soleimani no apoio ao exército iraquiano e às milícias xiitas nas linhas de frente contra o Daesh também elevou a sua moral (Sadjadpour & Taleblu, 2015, pp. 1-7).

Outro país que tem vindo cada vez mais a ser associado a este eixo de resistência é o Iémen, onde o Irão e o Hezbollah intervêm cada vez mais de forma transparente e visível, apoiando, treinando e fornecendo equipamento e material de guerra às milícias Houthi (Althaydi, 2021).

Neste terreno de combate, torna-se evidente também a rivalidade do Hezbollah com a Arábia Saudita. Aos olhos da liderança da República Islâmica, os principais adversários no Médio Oriente são Israel e a Arábia Saudita, ambos os quais são menosprezados como peões dos Estados Unidos. Enquanto a ideologia revolucionária motiva a antipatia do Irão em relação a Israel, mais do que os interesses nacionais (antes da revolução de 1979, o Irão e Israel tinham uma cooperação económica e de segurança substancial), a rivalidade saudita-iraniana é sectária (sunita vs. xiita), étnica (árabe vs. persa), ideológica (aliados dos Estados Unidos vs. oposição dos Estados Unidos) e geopolítica. Tanto o Teerão como Riade vêem-se como os líderes naturais, não só do Médio Oriente, mas também do mundo muçulmano em geral.

Neste momento, os dois países estão em extremos opostos de vários conflitos sangrentos, incluindo a Síria, Iraque, Iémen, Líbano, Barém e os territórios palestinianos. É um ciclo vicioso: os conflitos regionais exacerbam a animosidade e desconfiança entre o Irão e a Arábia Saudita, que, por sua vez, agravam os conflitos regionais.

4. Hezbollah e o Médio Oriente

As relações do Hezbollah com muitos dos Estados do Médio Oriente parecem ter sido principalmente determinadas pela medida em que se conformam com

alguns dos princípios ideológicos centrais do movimento, sendo o mais pertinente a resistência contra os Estados Unidos e Israel. Embora a política oficial do Hezbollah seja a não interferência nos assuntos internos de outros Estados árabes, o movimento ainda tem fortes opiniões sobre a conduta dos regimes árabes quando as suas políticas entram em conflito com o que o Hezbollah considera como interesses árabes e islâmicos (Nasrallah, 2012).

O Hezbollah participa em maior ou menor grau nos conflitos na Síria, Iraque e Iémen, onde a estabilidade é praticamente inexistente. Nestes conflitos, o Hezbollah é apenas uma das muitas peças móveis e o seu impacto na estabilidade em cada um desses países é insignificante.

No Líbano, o estatuto armado do Hezbollah é a origem da divisão política da última década. A determinação do Hezbollah em manter o seu estatuto armado e os esforços outrora igualmente determinados dos seus adversários para vê-lo desarmado provocaram múltiplas disputas políticas que sufocaram o processo legislativo, prejudicaram a economia, agravaram as tensões sectárias e provocaram violência esporádica.

O Líbano também continua a viver à sombra de uma guerra devastadora com Israel, devido em parte à força militar do Hezbollah e à ameaça que representa para o Estado judeu. No entanto, o Hezbollah emergiu vitorioso, testemunhando a dissolução gradual da coalizão parlamentar de 14 de Março, garantindo a eleição do seu aliado, Michael Aoun, como presidente, e forçando o seu principal opositor, Saad Hariri, a um acordo que o viu regressar como Primeiro-Ministro. Do ponto de vista político interno, o Hezbollah enfrenta poucas ameaças a curto e médio prazo que possam alterar o *status quo*.

Dadas as íntimas alianças entre muitos dos governos árabes e os Estados Unidos e, nos últimos anos, até mesmo Israel (Gold, 2014), o Hezbollah vê esses regimes como Estados satélites ocidentais que facilitam o objetivo dos Estados Unidos de dominar a região. O Hezbollah expressa esse sentimento mais claramente na sua Carta Aberta de 1985, onde diz que os “regimes árabes não podem pensar em confrontar a entidade sionista que violou a Palestina porque foram fundados sob tutela colonial” e que os Estados produtores de petróleo “cumprem e executam o que a ‘Casa Branca’ lhes dita” (Open Letter Addressed to the Oppressed in Lebanon and the World, 2011, pp. 50-51).

Até mesmo alertas são publicados quando o Hezbollah afirma que “virá o dia em que esses regimes (árabes) que mal resistem cairão sob o punho dos oprimidos” (Open Letter Addressed to the Oppressed in Lebanon and the World, 2011, p. 52).

O Hezbollah empregou habilmente vários níveis de retórica ideológica e pragmática para alcançar os seus objetivos, mas 2011 marca o início de uma

nova e contínua fase da evolução do Hezbollah, quando os protestos da Primavera Árabe se espalharam pela região. O seu envolvimento na guerra síria levou ao conflito dos seus objetivos religiosos e políticos, apresentando um desafio significativo para a organização. A linguagem religiosa e a retórica de resistência anti-israelita ainda são prevalentes em todo o seu discurso, aumentando novamente com a vitória no horizonte na Síria. No entanto, tornou-se irrefutavelmente sectário, a sua legitimidade como organização libertadora libanesa foi questionada e revelou o seu papel como um instrumento dos objetivos expansionistas do Irão (Blanche, 2013, p. 21).

No entanto, no manifesto de 2009, o Hezbollah não aborda em detalhe as relações do movimento com os Estados árabes (além da Síria). A questão é apenas mencionada ao de leve na crítica aos Estados Unidos por “apoiar Estados satélites e regimes tirânicos na região” e o “silêncio do mundo árabe oficial” em relação aos crimes israelitas (New Manifesto, 2011, pp. 121, 123).

Apesar da falta de elaboração e especificidade sobre essa questão no Novo Manifesto, o vice-Secretário-Geral, Naim Qassem, afirma que as dificuldades enfrentadas pelos regimes árabes podem ser atribuídas principalmente à sua posição subordinada no sistema internacional, cuja característica definidora é a hegemonia dos EUA. Ele apela aos Estados árabes que “adotem mudanças destinadas a conquistar a reconciliação com os seus povos” e insiste que “a mudança requer repensar a estrutura dos regimes” (Qassem, 2010, p. 400). Ele afirma ainda que “os esforços devem ser direcionados para reunir as pessoas e encorajar a ação popular” e que “o Hezbollah não tem relações com certos regimes cuja própria natureza e estrutura subjacente ou posição política estão fundamentalmente em desacordo com os princípios escolhidos pelo Partido” (Qassem, 2010, pp. 401-402).

Quanto à posição dos Estados árabes em relação ao Hezbollah, historicamente tem sido difícil para os governos árabes criticarem publicamente quaisquer esforços para confrontar Israel devido à importância da causa palestina entre a população da região. Isso significa que o Hezbollah foi poupado a críticas. No entanto, isso mudou durante a Segunda Guerra do Líbano em julho de 2006, entre o Hezbollah e Israel, quando vários governos árabes condenaram abertamente o Hezbollah por instigar as hostilidades.

Numa reunião de emergência da Liga Árabe, a Arábia Saudita, apoiada pelas monarquias do Golfo, Jordânia e Egito, criticou o Hezbollah pelos seus “actos inesperados, inapropriados e irresponsáveis” (Fattah, 2006). A razão dessa resposta não é difícil de entender. Com o Irão a expandir o seu alcance regional, resultante do enfraquecimento do Iraque como poder regional após a invasão liderada pelos Estados Unidos, os Estados árabes não podiam perder

a oportunidade de tentar opor-se ao que consideravam uma crescente influência iraniana no importante Estado regional do Líbano, e essas duras afirmações procuravam servir a esse propósito.

Os múltiplos conflitos no Médio Oriente, nos quais o Irão exerce influência, permitiram ao Hezbollah expandir-se além do escopo relativamente limitado do conflito árabe-israelita e tornar-se um ator regional. As suas missões de assistência militar na Síria, Iraque e Iémen apresentam outro componente da utilidade do Hezbollah além do combate direto, demonstrando o seu valor como um multiplicador de forças para os grupos apoiados pelo Irão ou aliados espalhados pela região, a serviço das ambições regionais do Teerão. Para o Hezbollah, a luta contra Israel continua a ser a mais importante e essencial na sua narrativa e prioridade de “resistência”.

No entanto, o confronto entre o Irão e a Arábia Saudita e os seus respetivos aliados, que se intensificou na última década, criou um novo papel regional que se estende para a organização como um facilitador da projeção do poder iraniano em todo o Médio Oriente.

5. Conclusão

O Hezbollah inicialmente apoiou as revoltas populares que varreram o Médio Oriente em 2011, expressando solidariedade e apoio aos manifestantes que exigiam a queda das ditaduras árabes instaladas, o estabelecimento de sistemas democráticos de governo e justiça social e económica.

No entanto, a base aparentemente ideológica e moral do Hezbollah para apoiar as revoltas mostrou-se bastante fraca, pois o movimento mudou de posição quando as revoltas chegaram à Síria. Em vez de ser motivado pela ideologia ou valores, a abordagem do Hezbollah em relação à rebelião síria parece ter sido ditada, em grande medida, por cálculos estratégicos e avaliação racional das opções disponíveis, pois o grupo escolheu apoiar o regime autoritário de Bashar al-Assad.

A situação durante as primeiras cinco revoltas (Tunísia, Egipto, Líbia, Iémen e Bahrein) é clara. O apoio inabalável do Hezbollah às mobilizações populares refletiu em grande parte a ideologia do movimento: ele aliou-se aos povos que durante décadas viveram sob ditaduras autoritárias profundamente enraizadas, apoiadas pelos Estados Unidos, que evitaram confrontos com Israel. O Hezbollah realçou o direito dos manifestantes à mudança democrática, apelou à união sectária e árabe e invocou conceitos religiosos como *jihād*, martírio e sacrifício ao descrever os eventos e incentivar os manifestantes à ação coletiva. Nessa fase de transformações regionais, parecia que as ações do Hezbollah eram realmente motivadas pela sua ideologia.

Mas à medida que as revoltas chegaram à Síria - um pilar importante na aliança regional liderada pelo Irão, da qual o Hezbollah faz parte - a equação tornou-se complicada e o Hezbollah deparou-se com um dilema: continuar a apoiar a onda revolucionária e tirar proveito do aumento da popularidade do movimento entre os públicos árabes da região ou ficar do lado do seu parceiro estratégico indispensável, a Síria, e manter intacto o “eixo de resistência”.

O Hezbollah escolheu a última opção. Com essa prioridade em mente, é óbvio que o Hezbollah se afastou de algumas das suas crenças ideológicas centrais. Enquanto afirmava ser defensor dos oprimidos, apoiou o regime autocrático dinástico de Bashar al-Assad. Pretendia fazer parte da “resistência”, mas as credenciais do seu aliado sírio nessa questão eram, no mínimo, questionáveis. Nem mesmo as principais facções palestianas ficaram do lado de Assad, e os alertas sobre um confronto iminente com os refugiados palestinos no Líbano não tornam o pretexto do Hezbollah para intervir na Síria muito melhor. Além disso, aliar-se a um governo alauita que privilegia o seu próprio círculo familiar e a elite empresarial, ao mesmo tempo que discrimina as classes trabalhadoras sunitas, dá ao Hezbollah a imagem de basear as suas políticas em lealdades sectárias e contradiz a sua ideologia anti sectária e anticapitalista. O próprio facto de se ter aliado à Síria parece contradizer a ideologia do movimento.

No caso das revoltas pré-Síria, as técnicas de enquadramento do Hezbollah mostraram-se bastante eficazes, em grande parte porque a ideologia do movimento não entrava em conflito com as exigências dos manifestantes (mudança de regime, justiça social e económica, dignidade, governo democrático, etc.). O Hezbollah conseguiu vincular essas exigências à sua própria agenda de resistência e, assim, criou uma narrativa que incorporava as lutas dos públicos revoltados à sua própria luta contra o imperialismo ocidental.

No entanto, quando se tratava da Síria, os processos de enquadramento do Hezbollah distorceram a realidade no terreno e foram marcados por contradições. O resultado foi um aprofundamento da divisão sectária regional e doméstica que alimentou os já devastadores conflitos por procuração em todo o Médio Oriente, ocorrendo no contexto da guerra fria Irão-Saudita pelo domínio regional.

De acordo com a narrativa do presidente sírio, a descrição do Hezbollah da oposição armada síria como simplesmente “terroristas *takfiri*” levou a uma maior polarização e, pode-se argumentar, a uma profecia auto realizável refletida no surgimento de grupos islâmicos reacionários como a franquia síria da Al-Qaeda, Jabhat al-Nusra, e o ISIS.

Em última análise, considerando a pesquisa realizada, considera-se que a forma mais adequada de compreender a relação entre a ideologia e a prática do Hezbollah no contexto das revoltas árabes é perceber que o movimento instrumentalizou em grande parte os seus princípios doutrinários por meio do uso de estratégias sofisticadas de legitimação para justificar as suas acções, enraizadas em interesses e considerações estratégicas profundamente racionais.

Na última década, esses interesses têm sido estender a influência do movimento entre os públicos árabes e ajudar o Irão a aproveitar o vácuo de poder que surgiu com o declínio do Iraque pós-2003 como um dos três aspirantes à hegemonia regional - o terceiro sendo a Arábia Saudita - no sistema regional do Golfo e no Médio Oriente em grande escala.

Portanto, considerando a racionalidade e o pragmatismo que caracterizam o Hezbollah, considera-se incorreto designar esse autoproclamado movimento de resistência como apenas uma “organização terrorista”, pelo menos no sentido convencional do termo. Por exemplo, o uso da violência pelo movimento não é um fim em si mesmo, como ocorre com outros grupos violentos como a Al-Qaeda. A prioridade máxima do Hezbollah consiste em alcançar as suas metas e objetivos, e se considerar a violência como o melhor meio para tal, o movimento não hesitará em usá-la.

No entanto, não procura participar na violência, especialmente contra civis. Em vez disso, vê a violência como uma ferramenta legítima para alcançar as suas metas e objetivos, o que o diferencia bastante de grupos niilistas e terroristas. Portanto, para entender o Hezbollah e a sua relação com as revoltas árabes, é fundamental reconhecer a natureza complexa do movimento, que vai além das simplificações binárias de “terrorista” ou “resistente”.

Data de receção: 17/05/2023

Data de aprovação: 10/10/2023

Referências

- Alagha, J. (2006). *Shifts in Hizbullah's Ideology: Religious Ideology, Political Ideology, and Political Program*. Amsterdão: Amsterdam University Press.
- Alagha, J. (2011). *Hizbullah's Documents: From the 1985 Open Letter to the 2009 Manifesto*. Amsterdão: Amsterdam University Press.
- Altahat, L. J. (2016). *The Strategy of Hezbollah (Iranian Project) and Their Impact on the Security of the Arab States*. Canadá: Collège des Forces Canadiennes.
- Althaydi, M. (2021). The enemy in Yemen is Hezbollah and its big brother. *Alarabiya*.

- Azani, E. (2009). *Hezbollah: The Story of the Party of God*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan.
- Badran, T. (2009, Maio 16). *Hezbollah's Agenda in Lebanon*. Retrieved from Hudson Institute: <http://www.hudson.org/research/9800-hezbollah-s-agenda-in-lebanon>
- Behraves, M. (2017, Março 23). *How Iran justifies its costly Syria intervention at home*. Retrieved from Middle East Eye: <https://www.middleeasteye.net/opinion/how-iran-justifies-its-costly-syria-intervention-home>
- Behraves, M. (2018, Setembro 17). *Commentary: Inside Israel's new Iran strategy*. Retrieved from Reuters: <https://www.reuters.com/article/us-behraves-israel-commentary/commentary-inside-israels-new-iran-strategy-idUSKCN-1LX1OF>
- Behraves, M. (2018, Janeiro 01). *The Tehran-Tartus route and the strategic discomfort of the Islamic Republic*. Retrieved from BBC Persian: <https://www.bbc.com/persian/blog-viewpoints-42533474>
- Behraves, M. (2019, August 22). *Is Israel striking Iranian-backed paramilitaries in Iraq?* Retrieved from Middle East Eye: <https://www.middleeasteye.net/news/israel-striking-iranian-backed-paramilitaries-iraq>
- Berti, B. (2010). The 'Re-Birth' of Hezbollah: Analysing the 2009 Manifesto. *Strategic Assessment*, 12(4).
- Blanche, E. (2013). In Lebanon, Syria's war creeps closer. *The Middle East*, 442.
- Blanford, N. (2011). *Warriors of God: Inside Hezbollah's Thirty-year struggle against Israel*. Nova Iorque: Random House.
- Cambanis, T. (2015, Abril 14). *Iran is Winning the War for Dominance of the Middle East*. Retrieved from Foreign Policy Magazine: <http://foreignpolicy.com/2015/04/14/yemen-iran-saudi-arabia-middle-east/>
- Childs, N. (2010). *Changes in Hezbollah's Image and Role: Driving Factors and Security Implication*. Washington: Georgetown University.
- Choucair, C. (2016, Junho 01). *Hezbollah in Syria: Gains, Losses and Changes*. Retrieved from Aljazeera Centre for Studies: <http://studies.aljazeera.net/en/reports/2016/06/hezbollah-syria-gains-losses-160601093443171.html>
- Dionigi, F. (2011). *The Impact of International Norms on Islamist Politics: The Case of Hezbollah*. Londres: The London School of Economics and Political Science.
- Fattah, H. (2006, Julho 17). *Arab League Criticizes Hezbollah for Attacks*. Retrieved from New York Times: http://www.nytimes.com/2006/07/17/world/africa/17iht-arabs.2224812.html?_r=0
- Gause III, F. G. (2014). *Beyond Sectarianism: The New Middle East Cold War*. Washington D.C.: Brookings Institution.
- Gold, Z. (2014, Dezembro 16). *Egypt and Israel: Sinai Heat Thaws the Cold Peace*. Retrieved from Middle East Institute: <http://www.mei.edu/content/article/egypt-and-israel-sinai-heat-thaws-cold-peace>
- Halliday, F. (2006, Julho 20). *Lebanese Fragment: Two Days with Hizbollah*. Retrieved from Open Democracy: https://www.opendemocracy.net/globalization/hizbollah_3757.jsp

- Harris, G. (2013). *Lebanon – To what extent is Hezbollah's ideology motivated by religion?* Retrieved from Socratic Hive: <https://socratichive.wordpress.com/politics-and-religion/harris-gareth-2013-to-what-extent-is-hezbollahs-ideology-motivated-by-religion/>
- Hezbollah. (1985, Fevereiro 16). The Open Letter. Retrieved from <http://www.cfr.org/terrorist-organizations-and-networks/open-letter-hizballah-program/p30967>
- Hezbollah. (1996). The 1996 Parliamentary Elections Program. Retrieved from http://kurzman.unc.edu/files/2011/06/Hizbullah_1996_English.pdf
- Hezbollah. (2009, Novembro). The New Manifesto. Retrieved from <http://www.lebanonrenaissance.org/assets/Uploads/15-The-New-Hezbollah-Manifesto-Nov09.pdf>
- Khatib, L., Matar, D., & Alshaer, A. (2014). *The Hizbullah Phenomenon: Politics and Communication*. Oxford: Oxford University Press.
- Knio, K. (2005). Lebanon: Cedar Revolution or Neo-Sectarian Partition? *Mediterranean Politics*, 10(2), 225-231.
- Nasrallah warns Israel against any 'stupid' moves in Lebanon, Syria. (2015, Janeiro 16). Retrieved from Al-Akhbar English: <http://english.al-akhbar.com/node/23240>
- Nasrallah, H. (2012, Fevereiro). (J. Assange, Interviewer) Retrieved from <http://assange.rt.com/nasrallah-episode-one/>
- New Manifesto. (2011). In J. Alagha, *Hizbullah's Documents: From the 1985 Open Letter to the 2009 Manifesto*. Amsterdão: Amsterdam University Press.
- Norton, A. (2007). *Hezbollah: A Short History*. Princeton: Princeton University Press.
- Open Letter Addressed to the Oppressed in Lebanon and the World. (2011). In J. Alagha, *Hizbullah's Documents: From the 1985 Open Letter to the 2009 Manifesto*. Amsterdão: Amsterdam University Press.
- Qassem, N. (2010). *Hizbullah - The Story from Within*. Londres: Saqi.
- Robertson, M. (2017, Novembro 26). *Hezbollah: At the Crossroads of Religion and Politics*. Retrieved from E-International Relations: <https://www.e-ir.info/2017/11/26/hezbollah-at-the-crossroads-of-religion-and-politics/>
- Saad-Ghorayeb, A. (2002). *Hizbu'llah; Politics & Religion*. Londres: PlutoBooks.
- Sadjadpour, K., & Talebli, B. B. (2015, Maio). Iran in the Middle East: leveraging chaos. (202), 1-7. FRIDE - An European Think Tank for Global Action.
- Shalabi, S. (2015). *Hezbollah: Ideology, Practice, and the Arab Revolts – Between popular legitimacy and strategic interests*. Lund: Lund University.
- Shapira, S. (2009). Has Hizbullah Changed? The 7th Hizbullah General Conference and its Continued Ideology of Resistance. *Jerusalem Issue Briefs*, 9(15), <http://www.jcpa.org/JCPA/Templates/showpage.asp?DBID=1&LNGID=1&TMI-D=84&FID=442>.
- Stern, W. (2016, Junho 27). *The awful Israeli-Hezbollah conflict to come*. Retrieved from Australia/Israel and Jewish Affairs Council: <http://www.aijac.org.au/news/article/the-awful-israeli-hezbollah-conflict-to-come>
- The Berkley Centre for Religion, Peace, & World Affairs. (2013). *Lebanon: The Persistence of Sectarian Conflict*. Washington: Georgetown University.

United Nations Security Council. (2006). *Resolution 1701*. Retrieved from <http://www.un.org/press/en/2006/sc8808.doc.htm>

Zalman, A. (n.d.). *Hezbollah – A Profile of the Lebanese Militant group Hezbollah*. Retrieved Junho 6, 2017, from About News: <http://terrorism.about.com/od/iran/p/Iran2.htm>

Sobre o autor

NUNO ALMEIDA é Mestre em Ciências Policiais, mestre em Estratégia e Doutorando em Relações Internacionais no ISCSP. Possui pós-graduação em Gestão da Segurança pelo ISCPSI, e pós-graduação em Informações e Segurança pelo ISCSP. É investigador assistente do CEPOL.

[ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-9468-0702>]

About the author

NUNO ALMEIDA holds a Master's degree in Police Sciences, a Master's degree in Strategy and is a PhD candidate in International Relations at ISCSP. He has a postgraduate degree in Security Management from ISCPSI, and a postgraduate degree in Information and Security from ISCSP. He is an assistant researcher at CEPOL.

[ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-9468-0702>]